

Mito e história na poesia de Carvalho Calero

Por CLÁUDIO RODRÍGUEZ FER
(Lugo)

*A Vitória Ogando
e Anxo González Guerra*

1. Aproximação à poesia de Ricardo Carvalho Calero.
2. Carvalho Calero e a tradição cultural europeia.
3. Componentes culturais da poesia de Carvalho Calero.
 - 3.1. O classicismo greco-romano.
A mitologia clássica.— A epopeia homérica.— Pentesileia e as amazonas.
 - 3.2. A tradição judaico-cristã e outras religiões.
As figuras do «Génese».— As mulheres de David.— Belkis, a rainha de Saba.— Os «Evangelhos» e a dança de Salomé.— Os santos e o papa Joam XXIII.— A religião muçulmana.— Outras religiões orientais.
 - 3.3. O entroncamento germânico e céltico.
A epopeia dos *Nibelungos*.— A lenda de Venusberg.— A tradição céltica.— O Graal e a Távola Redonda.— Os amores de Tristão e Isolda.
 - 3.4. A literatura e as artes.
A literatura grega.— A literatura romana.— As literaturas românicas.— As literaturas germânicas.— As literaturas eslavas e orientais.— Artes plásticas, cénicas e musicais.
 - 3.5. A motivação histórica.
A civilização egípcia.— Mesopotâmia e Pérsia.— As civilizações grega e romana.— O mundo medieval.— A Veneza renascentista.— Frederico II da Prússia.— O esplendor cortesão e a revolução francesa.— O cometa Halley e o paquebote Titanic.— A guerra civil espanhola.— Mussolini e Hitler.— Gandhi e a violência no Oriente.— A problemática racial.— A democracia ocidental e a sétima frota.— Kennedy e o escândalo de Chappaquiddick.
 - 3.6. A referência científica e filosófica.
4. Carvalho Calero, poeta de Ocidente.

1. Aproximaçom à poesia de Ricardo Carvalho Calero.

No vasto e variado conjunto da produçom literária de Ricardo Carvajal o Calero (Ferrol, 1910), o verso ocupa um lugar preferencial. Na realidade, a poesia é o género que cultivou mais constantemente antes e depois da guerra civil e tanto em castelhano como em galego. Deixando à parte os numerosos poemas soltos espargidos pola imprensa, Carvalho é autor dumha dezena de poemários editados e mesmo dalgum livro inédito.

Assi, em castelhano publicou *Trinitarias* (1928) e *La soledad confusa* (1932), livros que revisados e ampliados pensou reconverter posteriormente sob os títulos respectivos de *Versos para olvidar* e *Versos para romper*. Ademais, tem inédito um conjunto de poemas diversos co título de *Avena loca*, umha série de retratos femininos intitulada *Teoría de Eva* e um feixe de romances agrupados como *Romancero de apócrifos y canónicos*. (Os dous últimos livros citados recolhem respectivamente os poemas eróticos e os romances bíblicos de *La soledad confusa*).

A sua poesia galega, moito mais publicada, está formada inicialmente por *Vieiros* (1931), *O silencio axionllado* (1934), *Anxo de terra* (1950), *Poemas pendurados dun cabelo* (1952) e *Salterio de Fingoy* (1961), obras todas que, expurgadas e revistas, fôrom recolhidas em *Pretérito imperfecto* (1927-1961) (1980). Com posterioridade publicou *Futuro condicional* (1961-1980) (1982) e *Cantigas de amigo e outros poemas* (1980-1985) (1986). Deste jeito, os três últimos volumes compoñem umha espécie de trilogia que contém a versom provisionalmente definitiva da sua obra poética galega completa. Em conseqüência, citarei por eles sempre que seja possível fazê-lo (1).

A longa trajectória poética de Carvalho admite pois classificaçons idiomáticas (em castelhano e em galego), cronológicas (de pré-guerra e após-guerra) e bibliográficas (*Pretérito imperfecto*, *Futuro condicional* e *Cantigas de amigo*) sem dúvida significativas, pero acaso pouco relevantes do ponto de vista estritamente temático.

Polo contrário, o livro *Futuro condicional* oferece umha divisom interna «en tres partes, cujos títulos son algo arbitrários, mais algo apontan ao contido preponderante» (2) em cada umha delas: «Excalibur», «Venusberg» e «Avalon». Pois bem, esta divisom tripartida pode extrapolar-se do livro em que se inscreve e generalizar-se a toda a produçom poética do autor.

(1) Referências bibliográficas: *Trinitarias*, Edición de Autor, Talleres Tipográficos «El Correo Gallego», Ferrol, 1928; *Vieiros*, Nós, A Coruña, 1931; *La soledad confusa*, Nós, Santiago de Compostela, 1934; *Anxo de terra*, Benito Soto, Pontevedra, 1950; *Poemas pendurados dun cabelo*, Xistral, Lugo, 1952; *Salterio de Fingoy*, Galaxia, Vigo, 1961; *Pretérito imperfecto* (1927-1961), Ed. do Castro, Sada-A Coruña, 1982; *Futuro condicional* (1961-1980), Ed. do Castro, Sada. A Coruña, 1982; *Cantigas de amigo e outros poemas*, AGAL, A Corunha, 1986. A partir de aquí, estas obras serán citadas pola primeira palabra do seu título.

(2) *Futuro*, p. 9.

Com efeito, a preocupação filosófica, religiosa e transcendente dominante em «Excalibur», o protagonismo erótico em «Venusberg» e o predomínio narrativo de motivação mítica, histórica e cultural em «Avalon» rastejam-se com evidência no conjunto da poesia de Carvalho. Por isto, ainda que se trate dumha classificação imprecisa efectuada em torno a títulos metafóricos de grande ambigüidade, tem a vantagem metodológica de emanar do próprio cópous analisado e de proceder ademais da mesma mente criadora de aquel.

De feito, já na sua primeira obra publicada, *Trinitarias*, se antecipavam condensadamente estas três facetas poéticas no soneto modernista «Confesión», que devia iniciar o livro se nom fosse porque se alterou indevidamente a ordem pensada polo autor:

Con Jesús Nazareno predicara en Judea,
con Alonso Quijano soñara a Dulcinea,
con Armando Duval amara a Margarita (3).

Cristo empunha a espada Excalibur, Dom Quixote sonha na ilha de Avalon e Armando Duval ama no monte Venusberg, pero Carvalho identifica-se cos três já desde o princípio da sua carreira literária. Assi, o predicador que criou o cristianismo, o cavaleiro andante que ideou Cervantes imaginando à sua vez a Dulcinea del Toboso e o amador de Margarida Gautier, a dama das camélias, no romance de Dumas, representam umha trindade que começa co citado terceto de *Trinitarias* e que culmina na ordenação tripartida de *Futuro condicional*.

Pese a que nom existe ainda nengum estudo de conjunto sobre a poesia de Carvalho, tenhem-se publicado alguns trabalhos de certa extensom sobre aspectos parciais da sua obra poética. Ora bem, estes artigos afectam preferentemente aos componentes «Excalibur» e «Venusberg» da sua poesia, nom existindo, em troca, nengumha aproximação pormenorizada ao mundo de «Avalon». Esta será, portanto, o objecto do presente estudo, que se limitará à produçom poética de Carvalho contida em livros publicados.

2. Carvalho Calero e a tradição cultural de Ocidente.

Como a dos outros poetas da promoçom do Seminário de Estudos Galegos —Fermim Bouça Brei, Álvaro Cunqueiro, Aquilino Iglésia Alvarinho—, a poesia de Carvalho é culta e mesmo às vezes culturalista, na medida em que abunda em múltiplas referências mitológicas, históricas e artísticas em geral.

A utilizaçom do culturalismo pode ter diversas orígens e implicar variadas intençons. Assi, existe um culturalismo que pretende reconstruir um

(3) *Trinitarias*, p. 5.

feito mítico, histórico ou artístico pelo próprio valor intrínseco do mesmo, mas a verdade é que esta atitude não é precisamente a mais freqüente na época contemporânea nem tampouco na poesia de Carvalho.

Pelo contrário, abunda mais no século XX um culturalismo encobridor das vivências íntimas, no qual o poeta desloca pudorosamente o seu eu ao do protagonista do texto, com quem provavelmente compartilha alguma sensação, emoção, pensamento ou experiência. Esta atitude lírica que atingiu a sua mais paradigmática expressão contemporânea na poesia de Cavafis aparece assiduamente na obra de Carvalho.

Finalmente, existe também uma utilização classicista do culturalismo, tal como foi exposta por T. S. Eliot no seu célebre ensaio «Ulysses, ordem e mito» («Ulysses, order and myth», 1923). Segundo Eliot, a importância do *Ulysses* de James Joyce reside no seu contínuo paralelo entre a contemporaneidade e a antiguidade, que é uma forma de controlar, de ordenar, de dar uma forma e um significado ao caótico mundo contemporâneo. Eliot entende que este «método mítico», pressagiado já por W. B. Yeats, é o único que pode fazer o mundo actual possível para a arte. Estendendo o paralelo mítico de Eliot a outras referências históricas e artísticas, resulta claro que esta metodologia classicista que consiste em explicar a realidade e de expressar-se a si mesmo a partir do mito e do mito é a predominante na poesia culturalista de Carvalho.

Desde que Ernst Robert Curtius publicou a sua monumental *Literatura europeia e Idade Média latina* (*Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, 1948), resultado do seu incansável afã de contribuir à compreensão da tradição ocidental através da literatura, pode-se dizer que existe um fundamento sólido de toda uma ciência da literatura europeia» que investigue histórica e filologicamente o corpus literário ocidental considerando-o como um todo. O próprio Curtius manteve esta atitude nos seus *Ensaio crítico sobre a literatura europeia* (*Kritische Essays zur europäischen Literatur*, 1949, ampliados em 1954), guiados pela dupla teima da consciência europeia e da tradição ocidental.

Porém, as teorias e os métodos de Curtius foram às vezes antecipados e compartilhados por importantes criadores literários conscientes da tradição a que pertenciam. Tal é o caso de Eliot, que expôs a sua visão integradora de Ocidente em *A unidade da cultura europeia* (*Die Einheit der Europäischen Kultur*, 1946, conferência agregada logo em inglês a *Notes towards the definition of culture*, 1948). Coincidindo com a visão geral de Curtius, o poeta angloamericano considera o passado clássico e a religião cristã como as bases em que assenta a comunidade cultural de Ocidente. Para Eliot, a unidade do mundo ocidental reside na herança deixada pelo cristianismo e pelas antigas civilizações grega, romana e hebraica.

A visão analítica de Curtius, as teorias de Eliot e a própria prática poética de Cavafis parecem pois um sólido ponto de partida à hora de compro-

var a inserçom da poesia de Carvalho na tradiçom cultural de Ocidente. Vejamos por miúdo quais som os elementos que conformam tal inserçom.

3. Componentes culturais da poesia de Carvalho Calero.

3.1. O Classicismo greco-romano.

O maior número de alusons nominais e de recriaçons argumentais presentes na poesia de Carvalho procede da antigüidade clássica de Grécia e de Roma, que considerarei em conjunto tanto porque se trata no fundamental da mesma mitologia como porque o poeta parece utilizar denominaçons helenas e latinas indistintamente em muitas ocasiõs. Nom obstante, cumpre dizer que na sua obra em castelhano está equilibrada a procedência lingüística da nomenclatura utilizada, mentres que na produçom galega predomina absolutamente a denominaçom grega, sobretudo nos três últimos livros do autor. Polo contrário, o mito clássico mais vezes evocado, a deusa do amor, aparece quase sempre na versom latina de Vénus e nunca coa denominaçom grega de Afrodite, ainda que si coa de Citera.

A mitologia grega.

A presença dos deuses superiores está espargida ao longo de toda a trajectória poética de Carvalho, pero estas divindades nom aparecem quase nunca como protagonistas dos poemas. Igual que os modernistas, que tanto influírom na sua adolescência, Carvalho utiliza a alusom mítica como um ponto de referência conhecido, intemporal e cristalizado para apoiar o que está a dizer com um símbolo de validez universal. Assi, alude a Cronos ou Saturno, Zeus ou Júpiter, Ateneia ou Minerva, Hermes ou Mercúrio, etc. Apolo e Dioniso só aparecem cos seus nomes helenos. O único poema de Carvalho protagonizado por divindades superiores é «A bacante e Dionisos», que remata *Saltério de Fingoi*. Noutros poemas alude-se a Pam, Eros ou às nove musas. Entre outras personagens mitológicas aparecem Psiquis, Leda, Orfeu, Ganimedes, Ariadna, Narciso, Quimera, Pandora, Ícaro, Faetom, Fénix, Medeia, a sereia e o centauro. Mesmo hai dous poemas em *Futuro condicional* intitulados «Tántalo» e «Anquises». A «Vénus de contido variábel» (4) que inspira o título de toda a série «Venusberg» é sem dúvida o mito clássico mais intensa e extensamente presente.

A epopeia homérica.

Especial importância tem a presença do mundo homérico, já que nom só alude com frequência a personagens da *Ilíada* e da *Odisseia*, senom que às vezes aparecem poetizados acontecimentos procedentes das mesmas. Por exemplo, fala-se de Tróia e de Iliom e cita-se Príamo, Aquiles, Heitor, Me-

(4) *Futuro*, p. 147.

nelau, Páris, Hécuba, Helena, o Cíclope, Circe ou Nausícaa. Em *Saltério de Fingoi* encontra-se o poema «Helena regressa a Esparta», onde se evoca o retorno da mulher de Menelau à sua casa três dez anos de rapto em Tróia, aludindo-se com este motivo a passagens chaves da *Iliada*:

*As bágoas de Hécubra, a lanza de Héitor,
o trono de Príamo, o leito de Páris
afundirán-se na noite da morte. Segura
calco con pe de marbre o pazo natal (5).*

O motivo do rapto de Helena reaparece actualizado na composición que começa «Dezoito anos tinha Helena», de *Cantigas de amigo*, onde o protagonista incita ao amor umha mulher pondo como modelo o caso da rainha e recriando o tópic do «Carpe Diem»:

Dezoito anos tinha Helena,
segundo me foi revelado,
cando Páris, embaixador de Príamo,
chegou a Esparta,
e, entrelaçando os dedos da sua mao
cos da mao da rainha,
conduziu-na à ribeira,
e ali embarcarom numha negra nave
que os transportou a Tróia (6).

O poema de *Futuro condicional* intitulado «Nausícaa», posto em boca de Ulisses, alude assi mesmo a episódios célebres da *Odisseia*:

Eu tiven que tender o arco,
destruir os príncipes,
lavar os meus pórticos
e manter o meu reino,
sen lecer para lembrar
as beiras do Simois,
a canfurna do Cíclope,
os ollos verdes de Circe... (7).

Pentesileia e as amazonas.

Mençom à parte merece a presenza das amazonas e da sua rainha Pentesileia, a quem Carvalho dedicou respectivamente dous poemas. A composición «Amazonas», de *Salterio de Fingoi*, é um retrato colectivo das «cavaleiras» em sucessivas cenas panorámicas:

(5) *Pretérito*, p. 222.

(6) *Cantigas*, p. 137.

(7) *Futuro*, pp. 156-7.

Sobre pedreses, brancos, negros poldros,
loiras, nocturnas, teixas mozas
apretaban coas coxas as illargas,
pandiadas sobre as alapeantes crinas,
con certa luva regendo as servas rédeas (8).

O poema «Pentesileia», de *Cantigas de amigo*, está dedicado à rainha das amazonas morta por Aquiles quando aquela auxiliou Tróia. O posterior laio de Aquiles ante a juvenil beleza que segara inspira o poema de Cavalho:

Pentesileia, morte e amor de Aquiles,
Melhor morrer o gume da tua mam tam bicada
que no talom a frecha de Páris vergonhosa (9).

3.2. *A tradiçom judaico-cristá e outras religions.*

Da mesma maneira que deve considerar-se conjuntamente a presenza grega e romana na poesia de Carvalho, parece lógico fazer o mesmo coas tradiçons judia e cristá, tanto porque pertencem a um tronco comum como porque o poeta mistura com freqüência elementos de ambas as procedências. Por suposto, as distintas versons da Bíblia som a fonte principal de que emana a extraordinária presenza judaico-cristá na sua obra, equiparável à grega e moi superior à romana se consideramos estas culturas por separado.

As figuras do «Génese».

O «Génese» é o livro bíblico que mais motivou ao poeta. De feito, o nome bíblico de Iavé somado aos outros nomes de Deus representam o ser mais vezes citado polo autor em toda a sua obra poética, seguido de Adam e, sobretudo, de Eva, a mulher mais aludida na poesia de Carvalho: «Eva de encarnacións sucesivas» (10).

Mas ainda que seja tam importante a presenza de Eva, o poeta nom esquece Lilith, que na tradiçom judia do *Talmude* é a primeira mulher de Adam, a quem abandonou por nom querer submeter-se ao seu domínio. A tradiçom cristá suprimiu da *Bíblia* a rebelde Lilith, criada ao mesmo tempo que Adam, e considerou Eva, fabricada dumha costela do varom, como a primeira mulher existente. O poema «A Álvaro Cunqueiro», 1980, de *Futuro condicional*, evoca Lilith como mulher «de riso tolo e lume», habitante do Edém prévio ao pecado original:

Ai, Álvaro Cunqueiro: ti, fillo de Lilith,
primeiro amor de Adán,

(8) *Pretérito*, p. 205.

(9) *Cantigas*, p. 104.

(10) *Futuro*, p. 147.

non sujeita ao pecado,
vas escrebendo a crónica dos dias
anteriores à serpente e à árbore,
cando eran inocentes o bico e o belisco
e aniñaban nas nubes as sereias e os anjos (11).

En *La soledad confusa* aparecen três romances bíblicos, influenciados polo *Romancero gitano* de Lorca, nos quais se recriam episódios do «Génese»: «Romance de Adán y Eva», «Romance de Caín y Abel» e «Romance de Salija y José». (Note-se que Salija, a mulher de Putifar que tenta seduzir ao casto José, nom aparece mencionada na *Bíblia*, mas no Corám). Polo demais, Caim, Abel e Jacob resultam aludidos em mais dumha ocasião em poemas posteriores.

As mulheres de David.

O rei bíblico mais citado por Carvalho é David, que aparece tanto em relação coa formosa Betsabé como coa tenra Abisag. Ambas convivem já no poema «Abisag» de *Vieiros*, em parte livre paráfrase do episódio bíblico assi intitulado:

Vello era o rei. Morria de friage
por moito que de tenra lá o cobrian.
Dixeron os seus servos, coidadosos:
—Busquemos unha virgenciña nova
que o agarime e o abrigue, e no seu leito
durma, e o aqueza a sua carne quente.
Todas as terras de Israel correron.
En Sunam de Isacar rapaza acharon
docemente formosa. Era o seu nome
Abisag. E levaron-lla a David.
Para o rei ja pasara o roxo tempo
de Betsabé; ja a carne se durmira
para en jamais; só acougo era-lle o leito.
Non desflorou a flor da nena aquela (12).

O tema do velho e a moça, moi recorrente na prosa crítica e narrativa de Carvalho, está tamén presente em poemas como «Os vellos amigos» de *Poemas pendurados dun cabelo*.

Belkis, a rainha de Saba.

Mençom especial merece Belkis, a rainha de Saba, que é o primeiro nome próprio registado na trajetória bibliográfica de Carvalho. Com efeito, no poema «Nocturno», primeiro de *Trinitarias*, di-se:

(11) *Ib.*, p. 219.

(12) *Pretérito*, p. 29.

Me parece a veces que los propios labios
de la noche estrellada me besan:
amada sombría, Belkis salomónica,
melancólica, dulce y morena (13).

Pero a rainha de Saba resultará ser a protagonista de todo o poema «Belkis» em *Futuro condicional*:

Amei a rainha de Saba.
Calquei a sua câmara secreta.
A sua pel é de canela
e a sua boca sabe a noz moscada (14).

Ainda no último livro de Carvalho, *Cantigas de amigo*, reaparecerá como ponto de referência sensual:

E os meus olhos, escuros, duas mulatas,
duas rainhas de Saba,
Popeias orientais
que se banham em leite
e se dormem sob carnosos doséis,
sob pesados flabelos
de sanefas pintadas polo ensonho (15).

Para Carvalho, Belkis encarna a sensualidade em todo o seu luxo exótico e voluptuosidade erótica desde o primeiro ao último dos seus livros. Porém, a sua procedência é questionável na poesia de Carvalho, dado que não aparece na *Bíblia* revestida de qualidades sensuais ou eróticas e nem sequer se regista o seu nome no episódio salomónico correspondente, onde se substitui por umha perífrase alusiva.

Os «Evangelhos» e a dança de Salomé.

A figura mais aludida por Carvalho das procedentes dos «Evangelhos» é Cristo, ainda que mencione moitas outras, como Maria, José, Herodes ou os Inocentes. Mesmo em *O silencio axionllado* recria o «Nascimento» do Meninho Jesus com um ousado vanguardismo humorístico.

O principal poema de inspiração evangélica escrito por Carvalho acaso seja «Salomé», de *Saltério de Fingoi*, dedicado à dança da princesa judia que obteve como recompensa a cabeça do Baptista, pero cumpre sublinhar que o nome da filha de Herodias tampouco aparece expressamente na *Bíblia*, ainda que fosse frequente nas artes finisseculares e modernistas (lembra-se a *Salomé* de Óscar Wilde):

(13) *Trinitarias*, p. 3.

(14) *Futuro*, p. 151.

(15) *Cantigas*, pp. 77-8.

Formosamente longa e fina,
envolveita, faixada estreitamente
de branca prata toda,
até os pés, até as mans (16).

A dança de Salomé reaparece no poema «In Memoriam» do mesmo livro, convertendo-se assi num motivo significativo na obra de Carvalho, como o das mulheres de David ou o da sensualidade de Belkis.

Os santos e o papa Joám XXIII.

Os santos canonizados pola Igreja Católica aparecem por motivos temáticos moi diversos. Por exemplo, em *O silencio axionllado* cita-se Santa Cecília e Sam Pacómio por motivos mais bem histórico-religiosos, Sam Martinho como metonímia dumha igreja compostelana e Sam Tomás de Aquino por razons filosóficas. Em *Futuro condicional* alude-se a Santo António de Pádua.

Por outra banda, Carvalho poetiza especialmente a um papa contemporáneo de grande transcendência histórica: Joám XXIII, espírito promotor do tam renovador Concílio Vaticano II. Efectivamente, o poema «Joám XXIII» de *Futuro condicional* imagina o papa de Bérgamo dialogando coa transcendência —no momento da morte— entre dous pólos opostos: a fé representada polo horto de Getsémani onde orara Cristo frente à dúvida encarnada polo Hamlet shakespeariano na corte dinamarquesa de Elsinor:

Morria un home falando en bergamasco.
¿Con quen? Esa é a cuestión.
¿Tradución do arameu ou do danés?
¿Getsémani ou Elsinor? (17).

A religiom mussulmana.

A vinculaçom maometana ao tronco judaico-cristao permite que se podam considerar as alusons ao Islám da poesia de Carvalho em relaçom com aquel. Assi, em *Saltério de Fingoi* cita-se Alá e em *Futuro condicional* Iblis, respectivamente deus e diabo na religiom de Mafoma. Na última obra mencionada aparece tamém o Corám, livro das sagradas escrituras mussulmanas, do qual o poeta já extraíra o nome de Salija en *La soledad confusa*.

Outras religions orientais.

Da parte mais ocidental do chamado Oriente Médio, Carvalho utiliza mitos procedentes da velha religiom egípcia, citando em *Cantigas de amigo* os irmaos Ísis e Osíris, um dos pares divinos do antigo Egipto.

(16) *Pretérito*, p. 212.

(17) *Futuro*, p. 187.

O masdeísmo, religiom dualista do antigo Irám profetizada por Zo-roastro ou Zaratrusta e contida no livro *Avesta*, aparece em *Futuro condicional* através de reiteradas referências aos seus princípios do Bem e do Mal, ou seja, Ormuz e Ahrimám.

Com respeito às religiões do Extremo Oriente, Carvalho alude à de Bra-ma e à de Buda tanto em *Saltério de Fingoi* como em *Futuro condicional*.

3.3. O entroncamento germânico e céltico.

As tradições germânicas e célticas aparecem serodiamente na poesia de Carvalho, nom registando-se plenamente até *Saltério de Fingoi*, ainda que exista já um precedente germânico em *Poemas pendurados dun cabelo*.

A epopeia dos Nibelungos.

A primeira amostra de vinculação coa épica germana oferece-a o poema «*Etzelburg*», de *Poemas pendurados dun cabelo*, em que se retrata u-mha orgia do exército huno no castelo de Átila despois dum combate:

Balbordo de elmos, escudos e espadas
enche as estâncias do pazo valeiro
en que os pequenos monos marelos
beberon nos cráneos dos vencidos,
celebrando a ritual orgia,
mentres o terríbel rei da sombriza fronte,
desde a sua alta cadeira
contemplaba ceñoso a bacanal (18).

No poema «*Rosalía*» de *Salterio de Fingoy*, logo nom incluído em *Pre-térito imperfeito*, aparecem o heróico Sigfrido e a valquíria Brunilda, personagens centrais da epopeia germânica dos *Nibelungos*:

Como a Brunilda, arrodeóute un valo
de herdados fogos, língoas de outro esprito.
Ningún Sigfrido liberóute. Virxe,
a ti mesma alumeácheste Sigfrido.
E saíches da Irlanda do teu sono,
pra unha Worms sen coroa e sen marido (19).

Brunilda reaparecerá em *Cantigas de amigo*, onde tamém se evoca a seiva germana de «*Brocelândia*» (20).

Dentro da épica germânica, ainda que mais bem na sua versom nórdica, Carvalho poetiza em *Cantigas de amigo* o rapto de Hilde e a conseguin-te guerra que acarreta em paralelo co rapto de Helena e a guerra de Tróia:

(18) *Pretérito*, p. 118.

(19) *Saltério*, p. 76.

(20) *Cantigas*, p. 108.

Em Wulpensand ou em Iliom,
Hilde ou Helena a morte tram.
Muitos guerreiros morrerám
em Wulpensand ou em Iliom (21).

A lenda de Venusberg.

Em *Futuro condicional*, a lenda germánica de Venusberg, montanha onde haitava Vénus coas suas ninfas para perigo dos varons, dá nome, como se dixo, a umha das partes do livro, reaparecendo logo em *Cantigas de amigo*:

germánicas e célticas
nas selvas de Brocelândia e Venusberg (22).

A tradiçom céltica.

A tradiçom céltica assoma por vez primeira em *Saltério de Fingoi*, pero mais adiante se verá progressivamente acrescentada nos livros sucessivos. Dous feitos extraordinários som os que reincidentemente cantará Carvalho: a procura do Graal polos cavaleiros da Távola Redonda e os amores de Tristám e Isolda.

O Graal e a Távola Redonda.

O poema «Gaal» de *Saltério de Fingoi* é umha composiçom sacromítica protagonizada polo heróico «Galaad»:

A enxebre espada, saudosa e nobre virge,
despida está, do claro sol vestida,
ao seu carón deitada, casta noiva
de Galaad, que de joellos ora
cara o Gral (23).

Galaaz e o Graal reaparecerám em *Futuro condicional*, onde ademais «Excalibur», a espada do rei Artur, e «Avalon», a ilha onde moram encantados os cavaleiros da Távola Redonda, darám nome a duas das suas partes. Ademais, Avalon, aludida como «a illa das fadas» (24) em *Futuro condicional*, é cantada como «a Ilha das Maças» em *Cantigas de amigo*:

Por isso eu quero ir a Avalon, a Ilha
das Fadas e as Maças (25).

(21) *Ib.*, p. 105.

(22) *Ib.*, p. 108.

(23) *Pretérito*, p. 223.

(24) *Futuro*, p. 164.

(25) *Cantigas*, p. 93.

Neste último livro, Carvalho liga a tradição artúrica da Távola Redonda à esperança sebastianista e à simbologia frederiquina, mencionando diversas personagens da matéria de Bretanha:

Pois Galaad redime a Lançarote
e Elaine fai emenda de Genebra,
nom é precisa a lança de um Quixote
a defender Tábula que nom quebra (26).

Num significativo verso de *Futuro condicional*, Carvalho reúne três grandes cultivadores do ciclo artúrico da matéria de Bretanha: «Sir Thomas Malory, Gotfried von Strasburg e Ramón Cabanillas» (27). Mais adiante, referindo-se a Álvaro Cunqueiro, aludirá de novo a esta tradição literária a partir do mago Merlin recriado pelo escritor mindoniense nas galegas terras de Miranda:

Se Merlin neste tempo
ven viver a Miranda,
outra será a sua mágia (28).

Em *Cantigas de amigo* enumera escritores que tratárom dos amores de Tristão em boca dumha das suas personagens:

Eu som Brangel. Nem Thomas nem Bérou
souberom bem a causa do meu erro (29).

Os amores de Tristão e Isolda.

Directamente entroncados co ciclo bretom estão os amores de Tristão e Isolda, um dos temas mais vezes aludidos em toda a poesia de Carvalho, até ao ponto de que Tristão é a personage mais citada de todas as que procedem das tradições célticas e germánicas. Porém, o seródio tratamento deste assunto somente se encontra nos dous últimos livros do autor, *Futuro condicional* e *Cantigas de amigo*, nos quais o poeta dedica íntegros ao tema dous e quatro poemas, respectivamente. Tanto é assi que estas seis composições parecem constituir unidades no pequeno cancioneiro amoroso.

Os dous primeiros poemas som «O canto de Tristán» e «Petit-Cru». «O canto de Tristán» está posto em boca do próprio protagonista da composição, mas o amor de Isolda e o matrimónio desta com Marco figuram trasladados ao mundo actual:

Tristán con gravata de cristal,
unha noiva ao seu noivo eu conducia.

(26) *Ib.*, p. 117.

(27) *Futuro*, p. 163.

(28) *Ib.*, p. 219.

(29) *Cantigas*, p. 76.

Iseu de faldra máis ben curta,
nada medieval, nada romántica (30).

Introduzindo-se mais na matéria, «Petit-Cru», nome do cam que provoca a felicidade, reflecte a melancolia de Isolda sem Tristám:

En Tintagel soa un ajóujer. Petit. Cru.
Veu de Avalón, a illa das fadas. Tristán
pra Iseu a Loira conquistou-no. Alegra o corazón (31)

Os outros quatro poemas resultam estar ainda mais incardinados no ciclo, já que aparecem escritos do ponto de vista dos próprios protagonistas em primeira pessoa. Assi, «Desque vim Tristám fum a sua namorada» está em boca da criada Brangel, «Som Isolda a das brancas mans» na de Isolda e «Eu conduzim até o rei Marco» e «Vem-te comigo ao bosque de Morois» na de Tristám.

Em «Desque vim Tristám fum a sua namorada», Brangel conta como trabucou o filtro mágico que fijo amarem-se eternamente Tristám e Isolda e como tivo que substituir a esta no seu leito nupcial ante o rei Marco. Carvalho ressalta sobretudo o seu amor «sem filtro» por Tristám:

Mais alto foi, nom forçado feitiço,
mais alto que o de Isolda o meu amor (32).

«Som Isolda a das brancas mans» é um longo poema sobre a suposta dupla personalidade de Isolda, no qual esta se mostra meiga, misteriosa e inacessível:

Estás seguro
de que bebeu o filtro contigo?
Estás seguro
de que o filtro tinha virtude para ela?
É a rainha de Tintagil,
é a celebrada polos lais de Tristám.
Nom ama ela Tristám, nem Marco (33).

Os dous poemas postos em boca de Tristám som complementários. O primeiro ressalta como levou a amada perante o seu futuro marido:

Eu conduzim até o rei Marco
a minha benamada Isolda (34).

No segundo, polo contrário, incita Isolda a fugirem juntos para partilharem «amor, verdade, arela, vida»:

(30) *Futuro*, p. 162.

(31) *Ib.*, p. 164.

(32) *Cantigas*, p. 76.

(33) *Ib.*, p. 79.

(34) *Ib.*, p. 89.

Vem-te comigo ao bosque de Morois,
longe de Tintagel, de Marc e dos anaos,
do ordálio e da mentira de Brangânia (35).

Em suma, trata-se dum pequeno cancioneiro amoroso digno da tradição petrarquista em que se reúnem sucessivamente duas elegias, duas cantigas de amigo e duas cantigas de amor, tomando estes termos em sentido amplo. Cumpre engadir, finalmente, que Carvalho emprega distintas variantes dos nomes próprios utilizados, polo que abunda o alotropismo antroponímico (Iseu e Isolda, Branguel e Brangel) e toponímico (Tintagil e Tintangel, Morois e Marois), algumha vez quicá por gralha.

3.4. *A literatura e as artes.*

O componente artístico é tam importante qualitativa como quantitativamente na obra de Carvalho, sempre que somemos a literatura às demais artes. De feito, as referências literárias triplicam as alusões ao resto das manifestações artísticas. Nom obstante, consideradas em conjunto ultrapassam às referências históricas, situando-se no segundo lugar da inspiração cultural de Carvalho, trás a milologia.

A literatura grega.

Como já se dixo, a presença da épica de Homero é extraordinariamente importante na poesia de Carvalho, polo que nom é de estranhar que a *Iliada* e a *Odisseia* sejam os livros mais implicitamente aludidos no conjunto da sua obra despois da *Bíblia*. Pero prescindindo deste assunto já tratado, cabe ressaltar a referência à tragédia grega, patente desde *Vieiros*, que culmina em *Saltério de Fingoi* quando Ésquilo representa a Deus como fígeram Pirandello em *Sei personaggi in cerca d'autore* e Unamuno em *Niebla*:

E, se cadra, un Esquilo, trono de nubes, no alto,
trilogias, tetralogias escreba que representamos;
e cando todo semella rematado, outro todo comeza (36).

Posteriormente, em *Futuro condicional*, aparecerá a Antígona de Sófocles. Entre os poetas, cita Anacreonte em *Vieiros* e Safo em *Futuro condicional*. A literatura grega moderna está representada através do alexandrino Cavafis, presente em *Cantigas de amigo*.

A literatura romana.

«Nocturno», o primeiro poema do primeiro livro de Carvalho, *Trinitarias*, contém já umha citação intertextualizada do poeta latino Ovídio:

(35) *Ib.*, p. 91.

(36) *Pretérito*, p. 140.

Como dice Ovidio, rige los caballos
de la Noche, la clara Selena (37).

Logo, em *Futuro condicional*, o erótico Catulo aparecerá como leitura da corte egípcia que se descreve no poema «Auletés». A lésbia tam cantada por Catulo parece inspirar o soneto «Onde eu escrevo Lésbia lê ti Clódia» de *Cantigas de amigo*, que remata:

Mas se o alento do mudo embaça o espelho,
e che é mester o cotidiám vancelho,
onde eu escrevo Lésbia lê ti Clódia (38).

no mesmo livro cita Virgílio, pero mais como personaje de Dante que como poeta.

As literaturas románicas.

As literaturas escritas em língua romance tenhem umha natural presenza na produçom do poeta. De feito, a própria literatura galega manifestase em várias occasions. Por exemplo. Rosalia de Castro aparece poetizada no «Madrigal a Rosalía» de *O silencio axionllado* e no poema «Rosalía» de *Saltério de Fingoy*, ambos sacrificados na escolma de *Pretérito imperfecto*. Polo contrário, em *Futuro condicional* aparece Ramom Cabanilhas e todo um poema «A Álvaro Cunheiro, 1980», no qual se cita ademais Manuel Murguía e Ramom Otero Pedraio. (Por certo, em *La soledad confusa* Cunheiro aparecia já numha dedicatória). Em *Cantigas de amigo* hai umha recensom epistolar do livro *De amor e desamor*, escrito por dez poetas ligados à cidade da Corunha.

A literatura em castelhano mostra-se especialmente na poesia escrita nesta língua, mas retorna com certa força em *Futuro condicional*. Em *Trinitarias* dominam as referências ao *Quijote* de Cervantes, que reapareceram em *Cantigas de amigo*, abraçando assi toda a produçom poética de Carvalho. Tamém o mito de «Don Juan» aludido em *Trinitarias*, reaparece em *Futuro condicional*. Ainda no seu primeiro livro galego, *Vieiros*, hai umha cita de Lope de Vega. Outros autores citados em *Futuro condicional* som Echegaray e Carolina Coronado. Mais relevância tem a presença modernista, resultado dumha das principais influências literárias que recebeu a poesia do primeiro Carvalho, polo que é natural que encontremos Rubén Darío citado e aludido nos primeiros livros do autor, *Trinitarias* e *Vieiros*.

A literatura em francês aparece já em *Trinitarias* quando menciona Armando Duval e Margarida Gautier, personagens do romance de Dumas filho ou quando na cita que toma de Rubén se alude a Hugo. Em *O silêncio*

(37) *Trinitarias*, p. 3.

(38) *Cantigas*, p. 131.

ajoellado aparecerá Sade; em *Futuro condicional*, Voltaire e em *Cantigas de amigo*, Stendhal. Também se alude ao capitão Nemo, personagem de Verne, em *O silêncio ajoellado* e aos escritores anglonormandos Bérout e Thomas em *Cantigas de amigo*.

A literatura em italiano reduz-se praticamente na poesia de Carvalho a alusões a Salgari em *O silêncio ajoellado*, a Dante em *Futuro condicional* e a D'Annunzio em *Cantigas de amigo*. Em *Futuro condicional* há um poema intitulado «Arcádia» que utiliza a imagem tópica do país da felicidade que consagrou a novelística pastoral a partir da *Arcadia* de Sannazaro.

As literaturas germánicas.

A literatura em inglês está presente através de Milton em *O silêncio ajoellado* e de Malory em *Futuro condicional*, pero sobretudo de Shakespeare, já que no último livro citado aparece Otelo, o mouro de Veneza, e Elsinor, a corte de Hamlet. Posteriormente, em *Cantigas de amigo*, poetizam-se os amores de Romeu e Julieta na composição «Romeu». Quanto aos autores anglo-americanos, cumpre destacar que o longo poema «Pouco sabemos dela, fora do que nos dizem», de *Cantigas de amigo*, está inspirado na retirada vida da poetisa Emily Dickinson, ainda que nunca se mencione o seu nome no texto:

Dim que agora escreve poemas que não lê ninguém,
e que vai copiando com a sua letra clara e firme
em folhas que encaderna com tampas de veludo (39).

A literatura em alemão está aludida através do *Fausto* de Goethe em *Poemas pendurados num cabelo*, de von Strassburg em *Futuro condicional* e de Heine em *Cantigas de amigo*. As literaturas nórdicas estão representadas no poema «História de Amendoim, segundo Andersen», de *O silêncio ajoellado*, onde Carvalho poetiza o célebre conto do narrador dinamarquês.

As literaturas eslavas e orientais.

Das literaturas eslavas, aparece a russa através de Tolstoy em *Futuro condicional* e de Pushkin em *Cantigas de amigo*. Entre as orientais sobressai a árabe, já que em *O silêncio axionllado* se alude às *Mil e uma noites*.

Artes plásticas, cénicas e musicais.

Desde que em *Trinitarias* mencionara a *Gioconda* pintada por Leonardo e a cidade de Carrara, famosa pelos seus mármore, Carvalho espargiu pela sua poesia diversas referências plásticas. Assim, em *Vieiros*, aparece o mestre Mateu, engadindo em livros posteriores pintores italianos (Fra An-

(39) *Ib.*, p. 114.

gelico, Bellini, Tiziano) e espanhóis (Goya, Sorolla, Picasso). Mesmo aludir a estilos artísticos, como o rococó no poema «Auletés» de *Futuro condicional*. (Ademais, o próprio poeta assegura que a imagem da «Muller dormida» de *Saltério de Fingoi* está inspirada numha Vénus de Giorgione).

Menor importância tem a presença de certas artes cénicas, que quase se reduzem a *Cantigas de amigo*, onde aparecem personagens da Commedia dell'Arte como Colombina e Pierrot e a actriz teatral Eleanora Duse, que fora esposa do poeta D'Annunzio.

Quanto à música, sobressaem as referências a Wagner presentes nos dois últimos livros do poeta. Em *Cantigas de amigo* hai todo um texto posto em boca da mulher de Mozart e umha alusom a Schubert.

Finalmente, cumpre acrescentar que no soneto «Pintura abstracta, música concreta» de *Cantigas de amigo*, Carvalho reflexiona sobre a puerilidade de certas atitudes forçadamente vanguardistas nas artes:

Pintura abstracta, música concreta.
O mundo é velho e quer nacer cadora.
Pueril desejo de um caduco esteta
que nom sabe que o hoje é sempre agora (40).

3.5. A motivação histórica.

A história é outra das grandes fontes temáticas da poesia de Carvalho e um dos terrenos onde o autor conseguiu umha maior originalidade no contexto da literatura galega. Polo demais, todas as Idades e todos os continentes estão presentes na sua poesia.

A civilização egípcia.

A antiga civilização faraónica do Egipto encontra-se aludida em todo o seu esplendor em *Saltério de Fingoi*, mas onde realmente exerce um papel protagonista é nos poemas «Auletés» de *Futuro condicional* e «Hatseput» de *Cantigas de amigo*.

«Auletés» está referido aos tempos da dinastia ptolomeica em Alexandria, quando o hedonismo real de Ptolomeu o Aulete preferia o descanso em Lokhias, a música da frauta ou a leitura de Catulo que contender coas legions do César romano. Polo demais, o poema mostra um paralelo contínuo entre este mundo e o de Frederico II da Prússia.

«Hatseput» canta a dominante e decidida rainha egípcia que se proclamou faraona e contém alusons às antigas divindades Ísis e Osíris:

Ceptro e látigo cruzados
toucada coa mitra e a coifa,

(40) *Ib.*, p. 149.

império do Alto e Baixo Egipto,
a protocolária cauda de boi
colada ao redondo queijo,
rei feminino da Terra Negra (41).

Mesopotâmia e Pérsia.

A civilização mesopotâmica aparece representada no mesmo poema «Hatseput» através de Semíramis, esplendorosa rainha da Assíria e Babilónia. Ora bem, em *Futuro condicional* hai um poema intitulado «Babilónia» no qual o esplendor e a posterior destruição da mesma servem de modelo para retratar umha situação contemporânea. A civilização persa conta com umha alusão ao imperador Ciro no último livro citado.

As civilizações grega e romana.

Deixando à parte os feitos e personagens históricas que já se mencionaram a propósito da mitologia ou da literatura gregas, nom hai outra presença significativa da civilização helena na poesia de Carvalho. Quanto à romana, deve citar-se o tema da sublevação de Galba contra o imperador Nero, que o poeta toma dumha composição de Cavafis em *Cantigas de amigo*.

O mundo medieval.

O mundo medieval aparece no primeiro livro galego de Carvalho, *Vieiros*, onde se fala do arcebispo Gelmírez e da rainha Urraca num «Noiturno compostelán» nom incluído em *Pretérito imperfecto*. Maior presença tenhem os hunos do rei Átila no poema «Etzelburg», ainda que acaso mais em sintonia coa épica germânica que coa história medieval, como já se dixo. Em *Cantigas de amigo* sobressai a referência a duas personagens míticas e místicas da história medieval: a donzela francesa Joana de Arco e D. Inês de Portugal.

A Veneza renascentista.

Carvalho recria o mundo renascentista na sua «Elegia veneziana» de *Futuro condicional*, onde alude às grandes famílias dos dux de Veneza —os Dandolo, os Loredano, Francesco Foscari— e aos grandes pintores da escola veneziana —a família Bellini e Tiziano—. O comércio naval, a inimiga dos turcos, as intrigas palacianas, as famílias dos dux, a alusão ao Otelo Shakespeariano, a escola de pintura e a tradição do entroido da velha Sereníssima República de Veneza compoñem todo um fresco do mundo renascentista:

Ti, Fóscari; ti, Dándolo; ti, Loredano, ollades-me
sen dúbida co horror con que a un irmán perdido.

(41) *Ib.*, p. 101.

Quizá teño algun sangue dun Otelu ignorado,
e o meu torgo non é enxebre de Aquilea.
Non me retratarán Bellini nen Tiziano;
escuro morrerei, pobre gallo esquecido.
Mais ollo o mar rillar as pedras de Venécia,
e atopo triste o antroido da vella Sereníssima (42).

O mundo veneziano reaparecerá actualizado em «Umha mensagem da Dogaresa» de *Cantigas de amigo*, em paralelo aqui co esplendor de Bizâncio:

Umha voz carregada em negra nave
—onde ondeia o pendom da Sereníssima—
num peirao de Bizâncio,
como espiciosa espécie de purpúreo arrecendo (43).

Frederico II da Prússia.

Frederico II da Prússia, chamado o Grande, é umha figura histórica especialmente tratada por Carvalho. O poema «Auletés» de *Futuro condicional* mostra-o distendendo a sua morrinha coa música e coa leitura de Voltaire no paço de Sanssouci. O rei soldado aparece tamém dispoñendo «compañias de chumbo/sobre unha mesa rococó» e contendendo pola hegemonia europeia desde Postdam, a capital prussiana (o poeta denomina-o co nome alemám de Friedrich em «Auletés», pero em *Cantigas de amigo* prefere o de «Federico», aplicado neste caso ao Imperador Barba-Roxa).

O esplendor cortesao e a revolución francesa.

A poesía de Carvalho abunda em referências aos esplendores da aristocracia europeia, especialmente do século XVIII. Reflecte assi todo um mundo de refinamento, luxo e intriga que receberá o seu primeiro golpe mortal coa revolución francesa.

O poema «Despedida de Maria Mancini», de *Cantigas de amigo*, mostra as misérias daquel poder através da forçada marcha da sobrinha do cardeal Mazarino, que deve abandonar o rei Luís XIV por decisom de seu tio. Com efeito, Mazarino, que estivera ao serviço da família Colonna na Itália, colaborou logo co cardeal Richelieu, chegando a exercer, tras a morte deste, o máximo poder na França. O laio de Maria Mancini perante a obrigada separaçom resalta o sacrificio e a submissom que provoca a razom de estado entre os poderosos:

(42) *Futuro*, p. 166.

(43) *Cantigas*, p. 125.

(44) *Futuro*, p. 167.

Senhor, vós sodes rei, vós chorades e eu parto.
Que é ser rei? Que é chorar? Que é partir? E que é ser?
Sumptuosa maneira de sofrer, impotência
doida. Esgaçamento (45).

França, a pátria do Rei Sol, é precisamente o estado mais representado por Carvalho neste terreno, já que cita a cidade residencial de Versalhes e o paço real de Trianon em *Futuro condicional*, assi como a família Bourbon e a rainha Antoinette em *Cantigas de amigo*.

A revolução francesa aparece aludida através da tomada do cárcere da Bastilha em *Anjo de terra*, pero em *Futuro condicional* reaparece no poema «Quatre-vingt-treize», no qual um aristocrata mantém a mais cavalheiresca galantaria perante umha dama no momento em que ambos vam ser guilhotinados:

O vizconde ofereceu a sua man
à señora Marquesa
para ajudá-la a baixar da carreta
que a conducia à guillotina (47).

Outras aristocracias aludidas por Carvalho em *Futuro condicional* som a russa, através da residência das zarinas em Tsérkoie Seló, e a austríaca, através do paço de Schönbrunn da dinastia Habsburgo. (Quanto às personagens revolucionárias destas épocas, cita a liberal decimonónica espanhola Mariana Pineda em *Cantigas de amigo*).

O cometa Halley e o paquebote Titanic.

Moi poucos acontecimentos históricos do primeiro terço do século XX transcendêrom à poesia de Carvalho. Ainda assi merecem menção dous deles: a ameaça que supujo o cometa Halley em 1910 e o afundimento do trasatlântico Titanic em 1912. Este último sucesso inspira todo o poema «Som Mistress Strauss. Viajava no Titanic», de *Cantigas de amigo*, onde a mulher dum passageiro prefere morrer co seu marido antes que salvar-se sem el.

A guerra civil espanhola.

A guerra civil espanhola, na qual combateu o poeta, inspira o longo poema sentimental «Fugíamos da nossa vila» de *Cantigas de amigo*. Nel, Carvalho narra em boca dumha mulher como esta foi presa e violada por um grupo de soldados quando contava dezasseis anos, sendo logo recolhida por um oficial na sua casa. Ao remate da guerra, o oficial foi executado polos franquistas por ter participado no assalto ao Cuartel de la Montaña

(45) *Cantigas*, p. 81.

(46) *Futuro*, p. 169.

no Madrid dos primeiros momentos da sublevaçom militar, pero a moça permanecerá fiel à sua memória, preferindo quedar a viver pobremente na casa que compartilhárom a volver coa sua família burguesa.

A guerra inspira tamém o poema «Non sei» de *Futuro condicional*, onde um soldado lembra como disparou e foi ferido na trincheira. Porém, neste caso nom se concretiza em nengum momento de que guerra se trata:

Non sei
se matei.
Estiven
na trincheira.
Non vin
o meu
nemigo.
Disparei.
Non sei
se matei.
Fun ferido.
Mais
non
sei
se
matei (47).

Mussolini e Hitler.

Mussolini aparece citado no primeiro livro galego de Carvalho, *Vieiros*, anterior à guerra civil e à segunda guerra mundial. Com efeito, o poema «A estéril», que parece influenciado polo futurismo italiano e que nom foi incorporado a *Pretérito imperfecto*, contém umha alusom ao Duce a propósito dumha mulher erma que nom procria como pregava a doutrina fascista: «Mussolini te ollara con xenreira» (48).

Hitler é protagonista do poema «No búnker» de *Futuro condicional*, posto em boca dum sacerdote católico de origem judia que fora torturado polos nazis no campo de extermínio de Buchenwald, quedando eivado para sempre. Mas o sacerdote reza por Hitler e pola sua esposa Eva Braun, impressionado polo amor que se professárom casando momentos antes de se suicidarem no próprio búnker sitiado polos soviéticos. A grandeza deste amor perante a morte parece impresionar tamém a Carvalho, que humaniza os verdugos ante os olhos fraternais dumha das suas vítimas:

(47) *Ib.*, p. 23.

(48) *Vieiros*, p. 74.

Chegou ao búnker Eva Braun. Proibira-lle
Adolfo Hitler que se lle reunise.
Ao ve-la ali, contra as suas próprias ordes,
fingiu asañar-se Adolfo. Mais os ollos
brillaban-lle de dita. Amaba-a, logo. (49).

Gandhi e a violência no Oriente.

Ainda que Carvalho trate com abrumador predomínio de acontecimentos históricos ocidentais, existem também significativas incursões polo convulsivo Oriente do século XX nos seus últimos livros.

Assi, em primeiro lugar, sobressai o poema «Gandhi», de *Saltério de Fingoi*, que inicia esta temática na sua obra com umha originalidade insólita na poesia galega do momento. «Gandhi» é umha longa composição em versículos que contém toda umha reflexom sobre o mundo e os homes à raiz do assassinato do líder pacifista indiano a maos dum fanático religioso em 1948:

Chumbo sen alma e sen vida nas mans dun hindu, pai de hindus,
fontes abriu no teu sangue: por elas fugiche-nos.
O ódio desfixo a argila do vaso de amor ategado;
voa o recendo máis alto que as aves do ceu.
¡Ganges, o santo dos rios, que levas as cinzas de Gandhi;
bágoa esbarando no peito do quente Hindustán! (50).

Em *Futuro condicional* aparecem dous poemas inspirados pola violência: «A guerra dos seis dias» e «Revolución en Oriente». O primeiro refere a derrota árabe ante Israel na fugaz guerra de 1967 em boca dum combatente mussulmano, quem contrapom o Oriente maometano ao Israel ocidentalizado e apoiado polo imperialismo norteamericano. O segundo narra a vitória dumha revolução fundamentalista contra umha tirania corrupta, vista por um chefe militar vencido que vai ser executado. Ainda que implicitamente, todo parece sugerir que o poema se inspira na revolução chiita de Khomeini contra o Xá do Irám, que tivo lugar em 1978.

Ademais, Carvalho cita nos seus poemas alguns políticos protagonistas da recente história do Oriente. Por exemplo, em *Futuro condicional* aparece o pai da revolução chinesa, Mao, e o vencedor da guerra dos seis dias, Dayan, militar e político de Israel. Em *Cantigas de amigo* cita duas mulheres que ocupárom, respectivamente, a presidência do governo em Israel e na União Indiana: Golda Meir e Indira Gandhi.

(49) *Futuro*, p. 174.

(50) *Pretérito*, p. 227.

A problemática racial.

Os conflitos raciais estão presentes na poesia de Carvalho através de diversas alusões ao continente africano e mesmo à presença negra na América. Assim, já em *Saltério de Fingoi* aparece o político sul-africano Smuts, caracterizado pela sua atitude racista em defesa do apartheid. Posteriormente, o poema «Manequim negra», de *Futuro condicional*, mostra o contraste entre distintas situações a que se vê submetida a mulher negra pelo homem branco, partindo da objectualização dumha modelo:

A tua nai ouvea na selva —niños de mortos nas árvores—
mentres caen as granadas ao redor da sua choza.

A tua irmã berra no asfalto —as pancartas caídas, os cans—
mentres os gases lacrimógenos abaloufan as suas pálpebras.

A tua curmá da manígua abala os peitos tolos
mentres canta a rumba de rouca voz.

A tua cunhada da sabana arreguiza a garupa
nozcada polo tabao do tam-tam.

Todas son estroncio e lóstrego, foguetes de amor e de dor.

Mais ti só esbaras en silêncio, viras-te e moves-te con líquido avanzar,
luxosísimo tulipán alugado para a festa do dourado jardín (51).

Outro poema do mesmo livro, «Unha negra pequena», mostra a utilização mercantil daquela na Argentina:

O estancieiro no leito de quen te estalicas,
marcou-te co seu ferro, juvenca elegantísima (52).

A democracia ocidental e a sétima frota.

A poesia de Carvalho contém diversas alusões à democracia ocidental e aos seus políticos contemporâneos. Por exemplo, em *Saltério de Fingoi* menciona-se o britânico Churchill, em *Futuro condicional* aparece o norteamericano Johnson e em *Cantigas de amigo* regista-se a presença da britânica Margaret Thatcher.

O poema «Sétima frota» de *Futuro condicional* recria umha cena protagonizada por marinheiros norteamericanos nos mares do Sul numha guerra inominada, ainda que a ubicação oceânica se corresponde preferentemente coa segunda guerra mundial.

Kennedy e o escândalo de Chappaquiddick.

O caso mais reiteradamente aludido por Carvalho dentro da história contemporânea nom pertence à grande política, mas à intra-história social. Refiro-me ao escândalo que motivou o acidente automobilístico que o se-

(51) *Futuro*, p. 195.

(52) *Ib.*, p. 196.

nador Edward Kennedy, candidato à presidência dos Estados Unidos, sofrera em Chappaquiddick em 1969, a consequência do qual morrera a mulher que o acompanhava e figera-se pública a sua suposta relação amorosa. O dito escândalo motivou a renúncia do senador a seguir os passos de seus irmãos John e Robert, que foram assassinados sendo presidente e candidato à presidência, respectivamente.

Em *Futuro condicional*, Carvalho reproduz livre e anonimamente o escândalo de Chappaquiddick no poema «O grande executivo», onde um alto profissional tem um acidente nocturno em que morre a sua secretária, tendo que renunciar por esta causa «á suprema direcção» (53). Mas o assunto volta em *Cantigas de amigo* co poema «Mentres eu conduzia o meu carro pola cidade em sombras», onde o escândalo kennedyano serve de advertência exemplar aos protagonistas do texto:

Mas nom afastei as mans do volante:
nom fôssemos publicar umha segunda edição
da tragédia que leva por título Chappaquiddick (54).

No mesmo livro, reaparece o tema personificado por Mary Jo, nome da acompanhante morta de Edward Kennedy, a quem se cita duas vezes:

em Chappaquiddick, Jo foi perecer.
Calquer lugar é bom para morrer (55).

O tema da personalidade que mantém relações eróticas perigosas para a sua reputação social ocupa também, ainda que sem referências ao escândalo de Chappaquiddick, todo o poema «Diremo-nos adeus filosoficamente», de *Cantigas de amigo*.

3.6. A referência científica e filosófica.

Pouco é o material científico e filosófico utilizado expressamente pelo poeta. Do primeiro, regista-se umha alusão ao naturalista sueco Lineu em *Cantigas de amigo*, e, a respeito do segundo, encontra-se umha breve exposição de Hegel em *Vieiros* e umha citação latina de Sam Tomás de Aquino em *O silêncio axionllado*. Veja-se como exemplo o final do poema «Aper-ta» de *Vieiros*:

O ser e o deber ser,
o real e o ideal:
Hegel na nosa aperta (56).

A função vital do pensamento filosófico e ideológico em geral percebe-se com frequência nos poemas de carácter mais reflexivo e transcendente

(53) *Ib.*, p. 190.

(54) *Cantigas*, p. 21.

(55) *Ib.*, p. 97.

(56) *Préterito*, p. 20.

do autor, ainda que quase sempre sem alusões explícitas. Umha amostra de interesse a este respeito é o poema «E estás ali —como un cadelo triste», de *Saltério de Fingoi*, onde, segundo Carvalho, se poetiza a impressom causada pola morte de José Ortega y Gasset num devoto orteguiano:

E vas morrer a tua vida, longe
do morto que foi vida ao teu viver.
As tuas pegadas van daquela cova
à tua cova própria, e as estrelas,
outrora amigas tuas, ven o cercho
que as tuas pegadas trazan, rematando
no ponto en que comezan, pois é a mesma
a cova del e a cova tua, a morte
sua e a morte tua, e morto estás (57).

4. *Carvalho Calero, poeta de Ocidente.*

Como se pudo comprovar, a poesia de Carvalho entronca solidamente coa linha europeia estudada por Curtius e reflecte nitidamente a unidade da cultura ocidental exposta por Eliot. Com efeito, a produçom poética de Carvalho presta-se especialmente para investigar a cadeia literária europeia que descreveu Curtius e, ao mesmo tempo, mostra como esta parece fundamentar-se no classicismo greco-romano e na tradiçom judaico-cristá, tal como assegurava Eliot. Trata-se pois dum escritor europeu que assumiu a integraçom, a interacçom e a compenetraçom dos diferentes substratos e contributos em que se se baseia a civilizaçom ocidental, ainda que seja tamém um poeta do seu tempo que consolida a tradiçom com contribuiçons próprias da história e da cultura contemporáneas.

Tal como queteria Eliot, a mitologia é com moito a fonte predominante das referências argumentais, arquetípicas e nominais da poesia de Carvalho, seguida da história, da literatura e das demais artes. E ilustrando tamém a tese de Eliot sobre as bases da unidade cultural europeia, dentro desta preponderância mitológica, domina abrumadoramente a procedência greco-romana e judaico-cristá.

Tomás Barros ligou à poesia de Carvalho a atmosfera reinante na Europa arrasada moral e materialmente pola segunda guerra mundial: «Ciertamente, ni Spengler, ni Toynbee, ni Chestov anticipan con tanta claridad el dislocamiento de esta nueva fisura ideológica como esta resurrección visionaria». Partindo só de *Saltério de Fingoi*, Barros lê a Carvalho como um poeta que leva «Europa al hombro» e que canta «la nostalgia entre las ruínas». Assi, «Europa en los arpegios» de Carvalho «delata la grieta o la fa-

(57) *Ib.*, p. 143.

lla definitiva de sus exorbitantes ideales». Portanto, Barros entende que o livro que comenta reflecte nada menos que «Europa hundiéndose en Fingoy» (58).

A poesia de Carvalho anterior e posterior a *Salterio de Fingoi* impede incardinar de maneira tam definitiva a temática deste livro coa circunstância histórica em que foi escrito, mas ainda assi, Barros soubo apreciar lucidamente o carácter «archicivilizado» deste «viajero de la historia» que «resulta ser un hombre hecho a la talla de occidente» (59).

Em suma, o exame dos componentes de tipo cultural da poesia de Carvalho revela o decidido entroncamento da mesma coas bases fundamentais da civilização europeia —incorporando por via mítico-literária as tradições germânica e céltica às propostas por Eliot—, assi como a permanente atenção do poeta às vicissitudes históricas, literárias e artísticas do mundo contemporâneo ocidental. Por suposto, em consonância co ecumenismo europeu, Carvalho parece interessar-se tamém pola problemática doutros mundos e doutras tradições, ainda que quase sempre em relação ou contraste com Ocidente ou desde ópticas culturais ocidentais.

Cumpre engadir, finalmente, que a análise estilística e o comentário histórico-literário da poesia de Carvalho, evitados aqui por nom formar parte do objecto deste trabalho, teriam contribuído decerto a fortalecer ainda mais a sua dimensom europeia e ocidental, estudada nesta ocasiom do ponto de vista puramente temático. Em qualquer caso, resulta evidente que polos seus recursos estilísticos, pola sua pertença à literatura románica (castelhana e, sobretudo, galega) e pola sua motivação temática, a obra em verso de Ricardo Carvalho Calero é a dum genuíno poeta ocidental. Nom obstante, a sua riqueza temática, literária, artística e histórica e a sua consciência cultural e ideológica revelam ademais que nom só estamos ante um poeta ocidental, mas ante todo um poeta de Ocidente.

Lugo, 1987

(58) Tomás Barros: «Europa en el *Salterio de Fingoy* de Ricardo Carballo Calero», *La Noche*, Santiago de Compostela, 4-1-1962.

(59) *Ib.*